

Representação de um projeto diferenciado de escola, professor e aluno no relatório de Anísio Teixeira em viagem aos Estados Unidos

Representation of a different design school, teacher and student in the report of Anísio Teixeira traveling to the United States

Silmara de Fatima Cardoso
silmaracardoso@usp.br

Resumo: O presente artigo tem por pretensão analisar as representações de um projeto diferenciado de educação, de modelo escolar, de professor e aluno presentes no relatório de viagem de Anísio Teixeira, que foi produto de suas observações e estudos nas escolas norte-americanas. Em 1927, quando Anísio ocupava o cargo de diretor geral do ensino público baiano, foi designado pelo governador Francisco Marques de Góes Calmon para ir aos Estados Unidos da América observar os métodos de ensino e as instituições de educação que poderiam vir a ser implantadas de um modo parecido nas escolas da Bahia. Levando em conta o objetivo proposto desse texto, primeiramente procurarei tratar do relatório de Anísio Teixeira destacando os motivos de sua produção, a sua organização, características materiais e as razões de sua circulação. Em seguida, a reflexão volta-se a sua produção escrita, procurando compreender as representações de um modelo educacional considerado ideal, de escola, de professor e aluno que estavam atrelados aos ideais de uma nova educação. Sendo resultado de uma pesquisa, de um trabalho de observação, o relatório foi produzido com uma intencionalidade e para ser publicizado. Anísio pretendia compartilhar experiências, valorizar, afirmar, projetar, difundir iniciativas de um modelo educativo. Ele apresenta transformações educacionais e uma nova cultura escolar compartilhada mundialmente. Traz à tona – mesmo que seja do seu ponto vista – características dos espaços escolares, métodos educativos, programas escolares, formas de ser dos professores e alunos valorizados naquele momento.

Palavras-chave: Anísio Teixeira, relatório de viagem, projeto diferenciado de educação.

Abstract: This paper aims at examining the representation of a differentiated education project school, a school model, teacher and student from Anísio Teixeira's trip report, product of his observations and studies in North American's school. In 1927, when Anísio was general director of Bahia's public education he had been designated, by Francisco Marques de Góes Calmon to go to USA to observe American's education method and their institution education which could be implanted in similar way in Bahia's school. Considering the goal of the text, firstly I'm going to work work on Anísio Teixeira's trip report detaching his production goal, organization, physic character, materials and reasons of its circulation. Secondly, I'll reflect on his written production, in the way to comprehend education model representation considered ideal, of school, of teacher and student that were related to ideals of new education. As a research result, an observation work, report was produced as an intentionality and to be publicized. Anísio intended to share experiences, to valorize, to affirm, to project, to diffuse education model initiatives. He shows education transformations and a new scholar culture worldwide shared.

Anísio brings out – in his point of view – characters of scholar space, educational methods, scholar programs, modes of being a teacher and a student in that moment.

Key words: Anísio Teixeira, trip report, differentiated education project.

Considerações iniciais

O presente artigo tem por pretensão analisar as representações de um projeto diferenciado de educação, de modelo escolar, de professor e aluno presentes no relatório de viagem de Anísio Teixeira, que foi produto de suas observações e estudos nas escolas norte-americanas. Em 1927, quando Anísio ocupava o cargo de diretor geral do ensino público baiano, havia sido designado pelo governador Francisco Marques de Góes Calmon para ir aos Estados Unidos observar os métodos de ensino e as instituições de educação que poderiam vir a ser implantadas de um modo parecido nas escolas da Bahia.

Levando em conta o objetivo proposto desse texto, primeiramente procurarei tratar do relatório de Anísio Teixeira, destacando os motivos de sua produção, a sua organização, características materiais e as razões de sua circulação. Em seguida, a reflexão volta-se a sua produção escrita, procurando compreender as representações de um modelo educacional considerado ideal, de escola, de professor e aluno que estavam atrelados aos ideais de uma nova educação.

Na sua escrita, Anísio vai apresentar e defender um modelo de educação que estava se desenvolvendo por meio da democracia, da técnica e da ciência. O relatório traz a representação de um modelo escolar pautado pela gratuidade, obrigatoriedade, secularização, higienização, formação diferenciada dos professores e o aluno como sujeito de sua aprendizagem. A so-

cidade ocidental moderna na qual viveu e produziu Anísio Teixeira pautava-se pela consciência e pelo culto do novo, do moderno, daí uma valorização intensa de um padrão diferenciado de escola, que formasse sujeitos para uma nova sociedade.

Sendo resultado de uma pesquisa, de um trabalho de observação, o relatório foi produzido com uma intencionalidade e para ser publicado. Anísio pretendia compartilhar experiências, valorizar, afirmar, projetar, difundir iniciativas de um modelo educativo. Ele apresenta transformações educacionais e uma nova cultura escolar compartilhada mundialmente. Traz à tona – mesmo que seja do seu ponto de vista – características dos espaços escolares, métodos educativos, programas escolares, formas de ser dos professores e alunos valorizados naquele momento.

Relatório de observações escolares: razões e sentidos de produção de uma escrita

Das visitas realizadas às escolas norte-americanas, Anísio Teixeira deveria divulgar o que presenciou, apresentar ao seu país o outro visitado e prestar contas às autoridades oficiais que o enviaram a terras estrangeiras para uma missão. Assim, ele publica o seu relatório pela tipografia São Francisco da Bahia/Salvador, sob o título geral de “Aspectos Americanos de Educação”.

O relatório teve duas edições no ano 1928, contém 166 páginas e está dividido em duas partes. A primeira parte traz o título “Fundamentos

de Educação”, e apresenta quatro capítulos: I – *Sentido actual de Educação*; II – *Educação e Democracia*; III – *Do Methodo em Educação*; IV – *A Reconstrucção do Curriculum Escolar*. Na segunda parte sob o título Aspectos “Americanos de Educação” Anísio trata especificamente das instituições educacionais visitadas. A narrativa apresentada se organiza de modo a tornar visíveis as condições organizativas, administrativas e materiais das escolas. Aqui é a tentativa de o relator apresentar e partilhar o que presenciou e as suas opiniões, posições e sensações em relação a sua experiência.

No relatório, identificamos alguns dispositivos no sentido de impor uma justa compreensão do texto. Uma advertência procura levar o leitor a corrigir os possíveis erros encontrados ao longo da obra e com um conselho: “O leitor inteligente corrigirá outros pequenos enganos” (Teixeira, 1928, p. 4). Essa frase é um lugar comum que autores utilizam para manifestar humildade e cativar o leitor. O índice/sumário é apresentado no intuito de mostrar a organização das temáticas do relatório. Os títulos antecipadores e as notas preliminares intencionavam apresentar ao leitor uma ideia geral e a razão do assunto a ser desenvolvido.

As imagens referentes aos aspectos físicos das escolas, os sujeitos em situações de aprendizagem, objetos didáticos construídos pelos alunos e situações do dia a dia escolar e com legendas explicativas, visava reforçar as ideias contidas no texto, ou seja, um modelo de educação ideal. Todavia, é preciso compreender a fotografia como uma realidade própria,

não correspondendo necessariamente à realidade do texto escrito. Trata-se de uma segunda realidade, construída, codificada, sedutora em sua montagem e estética, de forma alguma ingênua, mas que é o elo material que representa de certa forma o assunto (Kossoy, 2002).

Inicialmente, esse relatório não tinha fins comerciais, ele foi distribuído gratuitamente pela Diretoria de Instrução Pública da Bahia às Escolas Normais e bibliotecas, no intuito de apresentar o sistema de ensino norte-americano e as ideias de educação e democracia do filósofo Dewey. Dessa forma, entendemos que a sua publicação tinha uma intencionalidade, produzida para um tipo de leitor específico, os professores e alunos da Escola Normal. Possivelmente a intenção do diretor da instrução pública, Anísio Teixeira, era que os mestres e futuros mestres baianos entrassem em contato com as técnicas, os métodos e uma organização educacional considerada ideal, e, apropriando-se desse novo modelo, virem a praticá-lo de um modo parecido nas escolas da Bahia.

Ao longo dos tempos, diversas iniciativas pensaram nos professores como alvos de investimentos. Exemplos disso são os manuais pedagógicos, os relatórios de viagem publicados, as revistas de ensino, os jornais especializados e outros tipos de escritos sobre educação no intuito de fazerem os professores entrarem em contato permanente com outras teorias e experiências, as quais, segundo Catani (1994), constituíram um corpo de conhecimentos mundialmente compartilhados.

Esse relatório produz uma compreensão, conta uma história ficcional, científica, pedagógica. É um objeto de circulação de ideias, representações, divulgação, instauração de determinado padrão de escola, de ensino, de professor e de aluno. Veicula discursos, principalmente o

pedagógico, que, institucionalizado e racional, tem como função transmitir informações e legitimar uma verdade. É um discurso competente, pois, segundo Marilena Chauí (2005), pode ser proferido, ouvido e aceito como verdadeiro e autorizado.

A análise desse relatório exige certo cuidado por se tratar de um texto ideologizado; traz um discurso pedagógico, que por sua natureza é político-ideológico, ou seja, anuncia uma verdade na pretensão de estabelecê-la. É persuasivo, retórico, prescritivo, autoritário e orientador de uma prática (Teixeira, 2000).

A realidade é algo pensado, imaginado por sujeitos, jamais se pensa neutro. Certamente a visão de mundo de Anísio Teixeira, o que considerava certa de acordo com seus padrões sociais, culturais, políticos e ideológicos irá refletir na sua escrita. E, ainda, o que cada um observa e registra é resultado da maneira, do lugar e do momento situacional em que se escolhe ver. Nesse olhar, muitas vezes estão embutidos costumes, hábitos, crenças, formas de ser, de agir e sentir, tensões, opiniões, desejos e sentimentos.

O ideário norte-americano de educação

Na segunda metade do século XIX, de acordo com Santos (2005), a nação norte-americana e todos os seus símbolos de juventude e purificação que incorporava exerciam forte atração sobre uma magnífica parcela de intelectuais e homens públicos ibero-americanos, que procuravam referências para a construção de nações independentes após as lutas de libertação ou para a reforma dos sistemas monárquicos – no caso do Brasil e de países republicanos – no caso das ex-colônias. Os Estados Unidos traziam a promessa de uma nova e eficiente forma de organização político-educacional.

Os intelectuais brasileiros começavam a voltar o pensamento para a nação norte-americana por ser essa um referente, uma alternativa política e cultural, além de que este país tinha muitas proximidades com o Brasil, foi colonizado e viveu sob o regime escravista. No entanto, estava conseguindo se desenvolver surpreendentemente por meio da ciência, da técnica e da educação com seus métodos modernos.

O modelo norte-americano de desenvolvimento emerge como alternativa a vários países do mundo. No Brasil recém-republicano, lideranças políticas e intelectuais – movidas pelo desejo de erradicação do analfabetismo, das doenças, da miséria, de uma sociedade atrasada, que carregava ainda o estigma da escravidão, hierárquica, ignorante, dirigida por uma elite excludente e de mente fechada – dirigiam os seus olhos cobiçosos para a experiência positiva daquela nova sociedade.

Assim, Anísio Teixeira e outros intelectuais de seu tempo acreditavam que a educação americana se apresentava como uma experiência inédita, surgida em contraposição ao velho continente europeu, em que os fins da educação tiveram sempre alvos marcados e rígidos. A educação americana, de acordo com Venancio Filho (1946), ao invés de ser tradicional, empírica e autocrática como era a europeia, pelas origens de sua formação histórica, tornou-se experimental e democrática, não se estabelecendo diferenças entre uma cultura e educação para o povo e outra para a elite, havendo apenas diferença de intensidade ou extensão, além de apresentar-se cientificamente planejada.

No seu relatório, Anísio apresenta sempre um discurso positivo da educação americana. As suas palavras-chave são democracia, renovação, mudança, modernidade, eficiência, inovação, criatividade,

socialização, técnica, industrialização. Observamos, assim, uma retórica da perfeição. Segundo Anísio, a vida americana é “essencialmente dinamyca, não de um dynamismo verbal tão a gosto de certa retórica modernista, mas de um dynamismo consciente e voluntario, produzido por uma força visível e formidável – a indústria” (Teixeira, 1928, p. 54).

Esse pensamento de Anísio reflete o ideário liberal, que nas décadas de 1910 e 1920 entendiam o sentido educativo como representação, justiça, cientificidade e técnica. Assim, pela via da educação teria sido buscada a consolidação dos ideais da democracia representativa e da industrialização (Nagle, 1976). Dessa forma, o relatório apresenta um modelo educacional, que estava se desenvolvendo por meio da democracia, da técnica e da ciência.

No seu relatório, Anísio descreve as características físicas, a organização escolar, os programas/currículos e os métodos de ensino das instituições educativas americanas. O ambiente físico educacional é apresentado por vastos edifícios, instalações adequadas, oficinas para trabalhos (manuais, agrícola, mecânica e elétrica), ginásio amplo, banheiros com as devidas instalações sanitárias, oficinas de cozinha e costura, refeitório amplo e acomodativo, salas de aulas amplas, gabinetes de química e física, laboratórios de ciências e história natural, bibliotecas em excelentes condições de uso. Os programas dos cursos são flexíveis, permitindo uma adaptação às diferentes exigências e necessidades dos alunos. Os métodos de ensino envolveram de simples memorização de livros à participação ativa dos alunos. O professor procura despertar uma livre e independente atividade com as crianças. Problemas e fontes de informações são oferecidos aos alunos, que buscam resolvê-los pensando por si mesmos; outras vezes, grupos trabalham em conjunto

para solucionarem problemas mais complexos.

O modelo educacional norte-americano para Anísio era o melhor. Havia um plano nacional, estadual e municipal de educação. As instalações, os espaços, as condições higiênicas dos prédios escolares eram excelentes. Assim, os quesitos materiais e organizativos eram critérios que deixavam o modelo de educação americano à frente do europeu e brasileiro. O que também chama atenção nas escolas americanas é as suas características arquitetônicas: espaços amplos, abertos, seus belos jardins, *hall* de entrada, salas de aulas ventiladas, espaçosas, prédios econômicos e práticos, diferentes do aspecto monumental dos prédios escolares europeus e alguns brasileiros. Para Anísio o modelo a seguir seria o americano, por dispor de uma ampla, adequada, eficiente e moderna rede de escolas, e isso constituía uma das condições principais para que a renovação educacional na Europa e no Brasil fosse possível.

O modelo de escola “ideal”

Das suas visitas às escolas americanas, Anísio entrou em contato com um modelo educacional considerado diferente do europeu e brasileiro. Conheceu escolas de diversificadas modalidades educativas. Isso permitiu ao viajante o artifício da comparação. A busca por modelos educacionais em países estrangeiros seguiu em parte uma perspectiva de educação comparada. Conforme Nóvoa (2000), a comparação se dava na maioria das vezes de forma dicotômica: países civilizados e não civilizados, educação modelar e não modelar, sociedade desenvolvida e não desenvolvida, etc.

Anísio considerava a educação europeia e a brasileira como arcaicas e atrasadas, e a americana como mo-

terna e referencial. A sua narrativa opera no sentido de selecionar os modelos educacionais a imitar ou recusar, posto que pertencia, conforme Nóvoa (2000), a uma determinada tradição da produção histórica em educação comparada, ancorada no paradigma do Estado Nacional como matriz, no qual os ditos países civilizados apareciam como uma espécie de espelho dos contrários, em que se refletiam imagens híbridas, complexas e ambíguas dos países ditos não civilizados.

Os argumentos pró-américa serão fortemente desenvolvidos por Anísio Teixeira na sua escrita. Ele exalta, louva, elogia, admira o modelo educacional americano em detrimento do modelo educacional europeu:

Visitei vários collegios na Europa. Nenhum delles, mesmo os melhores, apresentam os aspectos materiais prósperos e modernos dos collegios americanos. Depois, a nossa primeira impressão naquellas casas de ensino é a de fixidez, de estabilidade, de um equilibrio conseguido e que se quer manter. Na America, o espirito de continuo progresso domina tudo. A estabilidade americana se mantem pelo movimento, do mesmo modo que se mantem em equilibrio uma bicycleta em corrida. Esse acabamento, essa solidez que dá uma especial harmonia aos systemas europeus não existe nessas terras do novo mundo. Ao entrarmos num collegio, na Europa, especialmente na França, entra-se num domínio de serena tranquillidade. Nessas casas se *transmitem* à geração nova as experiências concluídas da raça e da civilização. O collegio americano, pelo contrario, participa da mesma febre com que a vida está perpetuamente se elaborando do lado de fora dos seus muros. Em certo modo, já se realiza plenamente o conceito de Dewey: educação não é preparação para a vida, mas é vida. Nesse sentido os collegios são verdadeiramente laboratórios, onde os futuros dias na America se estão preparando, com as

mesmas incertezas, mas com as mesmas esperanças, com que esses dias de amanhã se estão elaborando nos centros de indústria e demais centros da formidável e omnimoda actividade americana (Teixeira, 1928, p. 52).

A arte infantil europeia é comparada à norte-americana. Anísio relata que visitou exposições de arte decorativa em Paris apreciando trabalhos infantis. No entanto, nada se compara à América, que pode se orgulhar dos belos trabalhos de arte de suas crianças e os aparelhamentos na montagem de *studios* com que dota as escolas.

Quando se refere ao Brasil, as comparações se tornam mais intensas. A posição ocupada por Anísio permite-lhe isso. No período em que viajara à América do Norte, em 1927, ocupava o cargo de Diretor Geral do Ensino na Bahia. Aparentemente, conhecia a realidade educacional daquele estado à mercê dos autoritarismos políticos, o que não diferia muito da realidade dos outros estados do Brasil.

O relator Anísio descreve a organização escolar de duas escolas secundárias visitadas – a Wilson Junior High School e a Collinwood High School – e observa que suas organizações são diversas do sentido corrente de educação secundária no Brasil:

A organização dessas escolas secundárias é inteiramente diversa da ideia corrente de educação secundária em nosso país. A escola secundária aqui está penetrada da mesma ideia de educação popular que reveste totalmente a ideia de educação primária. Não é a escola de cultura, no velho sentido da palavra, nem a escola de classe. É a escola que, como elementar se destina à imediata preparação para a vida (Teixeira, 1928, p. 139).

Ainda comparando modelos educacionais da América do Norte e Brasil, Anísio vai condenar a edu-

cação livresca e monótona brasileira, de uma vida literária artificial e desintegrada de seus cursos:

Qual será o brasileiro, sobretudo si foi alguma vez interno em um collegio, que não se lembrará do ambiente estreito dos seus dormitórios, da aridez da sua vida social, da sua supercongestão de trabalho puramente intelectual, em classes pobres e estereis, e das fugas indefectíveis, ora para as seduções da leitura de romances e uma vida litteraria artificial, ora a insubordinação e o constante descontentamento? Os melhores de entre nós terão sentido pelo menos o incompleto, o super intelectual dessa vida exclusiva de estudos, em que o contraste entre uma rica e variada vida de leituras e monotonia desgostosa da vida quotidiana, punha sempre a nota íntima de inquietação e tragédia, pela qual se caracteriza essa vida desintegrada de collegio (Teixeira, 1928, p. 123).

A missão de Anísio Teixeira em países alheios era buscar os códigos de civilização, aprender de sua cultura, educação, progresso, observar, refletir; portanto, a comparação seria inevitável. O ato de comparar é uma ideia bastante antiga. A comparação é uma das maneiras de qualificar, desqualificar, condenar, avaliar. Ao comparar diferentes realidades, o viajante Anísio deixa bem marcado o seu ponto de vista: crítica, elogio, defende, condena.

De acordo com Ferreira (2009, p. 138), a comparação em educação gera uma dinâmica de raciocínio que obriga a identificar semelhanças e diferenças entre dois ou mais fatos, fenômenos ou processos educativos e a interpretá-las levando em consideração a relação desses com o contexto social, político, econômico, cultural a que pertencem. O autor diz ainda não haver dúvida de que é na comparação dos fenômenos, fatos e processos relativos à Educação em diferentes contextos que a educação

comparada toma seu sentido. Na maior parte das vezes, ela tem assumido dimensão internacional, mas pode também assumir uma nacional, regional ou supranacional.

Isso é possível compreender quando Anísio Teixeira compara o “outro” com o já conhecido, aquilo que faz parte de seu mundo social e cultural. Está numa posição privilegiada, é um educador, intelectual, participa das questões educacionais do seu país, o Brasil e seu estado, a Bahia. E, ainda, viajou a vários países europeus e norte-americanos, conheceu várias instituições educacionais, o que lhe concede o poder de analisar e comparar uma realidade com outra.

Anísio Teixeira é um *inquiridor*, ou seja, um observador, no sentido proposto por Noah e Eckstein (Ferreira, 2009, p. 142). Os *inquiridores*, durante boa parte do século XIX e XX, deslocavam-se a outros países no intuito de recolherem e importarem aspectos referentes a métodos, programas e organização de ensino que pudessem servir para melhorar o sistema educativo de seus países.

Ao enaltecer e enobrecer o “outro”, Anísio opera um distanciamento, apontando um corte, uma ruptura entre o modelo educacional americano, europeu e brasileiro. Assim, ele estabelece e afirma as qualidades do “outro” e os defeitos do “nós”. Essa narrativa construída por Anísio dos modelos educacionais visava mais do que constituir um retrato fiel da realidade observada, produzir efeitos de comparação.

O estudo comparado de diferentes realidades educacionais serve não somente para apontar *distâncias* e *vizinhanças*, mas também para uma análise de compreensão de sentidos (Catani, 2000). Essa compreensão tem o objetivo de legitimar certo modelo de educação – o americano – e deslegitimar outros – o europeu e o brasileiro. Apontando o modelo

americano como referência, Anísio estabelece comparações e opera com a noção de distanciamento e discrepância, tratando a Europa e o Brasil como modelos educacionais que não condizem com uma nova realidade de conceber a educação.

A formação diferenciada dos professores

Esse novo projeto de educação exigia uma formação adequada e diferenciada para os professores. Se a escola se transformava, era necessário também transformar o professor, “produzir-lhe” uma nova identidade (Lawn, 2000). O antigo professor sem formação qualificada não condizia com a realidade de uma sociedade desenvolvida por meio da técnica e da ciência. Sobre essa questão, Lawn diz o seguinte (2000, p. 73):

[...] seguindo mudanças na política econômica e social, tornou-se necessário criar novos professores para as “escolas reestruturadas”. Apesar de ter sido um acto contingente, relacionado com alterações na política, conceitos essenciais acerca da identidade dos professores – tais como mercado de trabalho, competências da força de trabalho, etc. – foram empregues no discurso da transformação.

À medida que a escola de massas foi se desenvolvendo, a admissão para as escolas normais tornou-se mais exigente, pois, como afirma Lawn (2000, p. 72), “Seleccionar as pessoas para se tornarem professores, e controlá-las no seu trabalho, começou a ser visto como cada vez mais importante”. Dessa forma, Anísio vai tratar minuciosamente da admissão dos candidatos à Escola Normal de Towson, que segue essa lógica de seleção e controle:

Ao desejar matricular-se, o candidato escreve à escola pedindo informações.

A secretaria envia uma formula para ser preenchida onde se pedem nome, data de nascimento, residência, escolas secundarias cursadas, collegios ou escolas normaes frequentadas, os graus que já possui, si já teve pratica de ensino e onde, para que deseje se preparar [...]. Adiante, em outra pagina, uma recommendação formal e favorável do director da escola secundaria cursada pelo candidato é exigida, em que esse director fornece indicações sobre o character, hábitos de estudos e qualidade do trabalho intellectual do alumno, além da sua recommendação pessoal à admissão do candidato. Na quarta pagina da formula, o candidato indica minuciosamente todas as matérias que cursou, no instituto secundário, numero de semanas de aula e de classes e notas e os resultados obtidos em cada anno (Teixeira, 1928, p. 83).

Anísio não via essas exigências como controle ou algo negativo, mas sim a representação de “um esforço actual dos mais adiantados estados da America, para elevar o nivel intellectual dos estudantes das Escolas Normaes” (Teixeira, 1928, p. 85). Anísio acreditava que a formação do professor primário nos Estados Unidos era um fator intellectual de primeiro nível:

A complexidade porem dos estudos de educação, a elevação das escolas normaes à categoria de collegios, a identificação dos professores primários aos professores secundários, inclusive nos salários, e as novas exigências dos requerimentos de admissão, são os passos com que, na America, se está procurando tornar o professor primário um factor intellectual de primeira classe. E’ inteiramente recente esse movimento para uma preparação mais adequada do professor primário” (Teixeira, 1928, p. 84).

De acordo com Nóvoa (1999), na segunda metade do século XVIII ocorreu na Europa a estatização do

ensino, e o professor passou a ser laico e não mais religioso. Assim, buscou-se esboçar um modelo para o professor. O Estado instituiu os professores como um corpo profissional, provocando a hierarquização, homogeneização e classificação. Dessa forma, ocorreu a profissionalização do professor e o trabalho docente passou a ser assunto de especialista, não mais sendo uma atividade secundária. Assim, a formação de professores passou a ocupar um lugar de primeiro plano, e o ensino normal constituindo um dos lugares privilegiados de formação docente.

Segundo Nóvoa (1991), com a emergência dos Estados-nação e da constituição do ensino público e de massa, foram implementados mecanismos progressivamente mais rigorosos de seleção para o magistério. Os professores passam a ser selecionados por concurso, o que traz um novo estatuto profissional ao docente.

Dominique Julia (2001, p. 30) também trata da importância do concurso para o exercício do magistério. O autor observa que a seleção constituída por provas escritas e orais acontece primeiramente dentro das ordens religiosas e depois passa a ser responsabilidade do Estado. A seleção para o exercício do magistério era realizada na forma de provas como nos conteúdos dos saberes propostos aos candidatos, e exigia também a base mínima de uma cultura profissional a se possuir. Segundo Julia, não seria mais possível, “daqui por diante, eliminar um candidato, senão com provas ostensivas de incompetência relativas às próprias provas e não mais simples suspeitas”.

As escolas normais vão constituir-se nas primeiras instituições voltadas para a formação específica dos professores. No século XIX surgem as primeiras instituições, consolidando-se na primeira metade do século XX.

Essas instituições específicas para a formação de professores primários “surtem mais ou menos na mesma época, com características bastante semelhantes, em diferentes contextos nacionais, inclusive no Brasil e em Portugal” (Mendonça e Ramos do Ó, 2007, p. 14).

Junto às exigências e seleção para exercer o ofício docente, era necessário cientificização na prática. Isso era compreendido como um caminho essencial na modernização da escola e da sociedade. Magaldi e Neves (2007, p. 104) observam que as ideias educacionais escolanovistas ocupavam um lugar de expressão significativa, indicando o valor conferido à cientificização dos saberes pedagógicos e das práticas educativas. “Desse ponto de vista, emerge a representação do magistério dotada de dupla dimensão: a de competência científica, identificada ao exercício de uma função especializada”.

Além da formação exigida do professor, era preciso uma mudança na sua postura. Ele não deveria tomar as decisões da vida escolar, entregar tudo pronto aos alunos, mas auxiliá-los, pois esses são os maiores responsáveis pelo seu processo de ensino-aprendizagem. Esse projeto educacional diferenciado volta-se para o sujeito, entendendo que ele precisaria ser independente e pensar por si mesmo.

Anísio Teixeira comenta em seu relatório a dinâmica da situação escolar na América do Norte. O professor é apenas um mediador, um auxiliar na construção do conhecimento e da aprendizagem. Os alunos são incentivados a pensar e a refletir:

Assisti a exercícios de todas as classes desde as primeiras até as mais adiantadas. No primeiro curso fui encontrar a organização escolar que caracteriza a Lincoln School da universidade de Colombia, uma escola de experimentação destinada a

ensaiar os mais perfeitos métodos de ensino. As carteiras são substituídas por mesas e cadeiras e o ambiente em nada se aproxima do ambiente tradicional das escolas, ganhando conseqüentemente em realidade. Nesses graus iniciais o professor procurava despertar uma livre e independente actividade por parte das crianças e realizar tanto quanto possível o conselho de Dewey: educação não é preparação para a vida, mas é a própria vida. Ao progredir nos outros graus, o mesmo método de trabalho individual é desenvolvido e as lições são verdadeiros trabalhos de estudo e de investigação. A professora dá problemas aos alumnos, fornece-lhes as fontes de informações e os alumnos buscam e pensam por si. Outras vezes um grupo trabalha em conjunto em problemas mais complexos. É um prazer ver aquelas pequenas crianças com processos pessoais de estudo e com preocupação de investigação e de pensamento (Teixeira, 1928, p. 77).

Essa imagem da relação professor/aluno apresentada por Anísio em seu relatório é o inverso da representação da educação considerada tradicional, na qual o aluno molda-se em função do saber apresentado pelo professor. Nesse novo modelo de educação, a autonomia do aluno é valorizada em detrimento da autoridade e centralidade exclusiva do professor.

Alunos participativos, autônomos e sujeitos de suas aprendizagens

Esse projeto diferenciado de educação exigia que os alunos se tornassem sujeitos participativos e autônomos, entendendo que eles precisavam ser independentes e pensar por si mesmos. E, ainda, retirava de cena a imagem do professor como detentor do conhecimento e apresentava o aluno não mais como um ser passivo, mas ativo, que toma decisões, resolve problemas e tem uma

participação profícua no processo de ensino e aprendizagem.

Envolvido por essa ideia, Anísio será um crítico assíduo da educação considerada tradicional, na qual o professor era visto como o detentor do saber. O professor deveria apresentar os conteúdos escolares na forma de questões ou de problemas, e jamais dar de antemão respostas ou soluções prontas. Em lugar de começar com definições ou conceitos já elaborados, era necessário usar procedimentos que fariam os alunos raciocinarem e elaborarem os próprios conceitos para depois confrontarem com o conhecimento sistematizado. Para Anísio, as crianças deveriam ser postas em contato com uma real situação de experiência, cujo desenvolvimento lhe permite refletir, raciocinar:

Na teoria de educação americana, pensar é o método do ensino inteligente. As crianças devem ser postas em contacto com uma real situação de experiência, em cujo desenvolvimento lhe seja necessário pensar, reflectir, raciocinar e por esse modo adquirir o conhecimento. O trabalho, na escola, não deve começar com o material já elaborado em sua última forma científica e lógica, em arithmetica, geographia, etc., mas com uma situação empírica de real experiência e real problema, como as situações anteriores à escola. Os métodos efficientes em educação, são aqueles que dão alguma coisa a fazer e como fazer demanda reflexão e observação, o resultado é alguma coisa aprendida (Teixeira, 1928, p. 44).

Esse pensamento esteve relacionado com o novo projeto de escola, cuja proposta era desmistificar a ideia de que existe uma dissociação entre a escola e a vida; mostrar que o ensino deve estimular a iniciativa, promover as condições para a exploração do interesse. A escola não poderia se limitar a ensinar a ler, es-

crever e contar, mas teria que ser vista como um espaço de mudanças de hábitos, procurando familiarizar os alunos com os aspectos da ciência, da técnica, da democracia. Assim, seria preciso que a escola revisse os seus próprios fins, programas e métodos. Obrigaria o espaço escolar, por meio de uma ação educativa direcionada, estimular nos seus alunos o desenvolvimento do pensamento pela prática e ação (Teixeira, 1994).

A metodologia, a organização das salas, o material utilizado e a forma como eram conduzidas as aulas nas escolas americanas propiciavam uma autonomia e uma participação maior dos alunos, segundo Anísio. Nessas escolas, predominavam nas séries iniciais os desenhos, os trabalhos manuais e eram livres as atividades das crianças. As carteiras eram substituídas por mesas, por cavaletes de desenhos e grande quantidade de tábuas, aparelhos de armação. “O ambiente respira a ‘kindergarten’, e a escola é tudo, menos o velho *typo* tradicional que conhecemos” (Teixeira, 1928, p. 90).

Algumas instituições educacionais americanas, como o Instituto de Hampton, desenvolviam um modelo de gestão no qual os alunos eram os seus responsáveis, o *self-government*. De acordo com Anísio, o objetivo do *self-government* “é promover a unidade e lealdade ao instituto e dar aos alunos hábitos de direção e governo de si mesmos” (Teixeira, 1928, p. 129). Diz ainda que dessa experiência participam todos os estudantes, e é deliberada por um conselho de 26 membros.

Outra experiência valorizada nas escolas norte-americanas que permitia aos alunos tomarem decisões e resolverem problemas é a Associação ou Clube dos Estudantes, cujo propósito era promover jogos desportivos, atividades intelectuais, reuniões, festividades, conselhos estudantis. Em visita à escola se-

cundária em Cleveland, segundo Anísio, essa instituição, além de um conselho de estudantes, que fiscaliza e exerce vigilância sobre a disciplina colegial e desempenha todo o serviço de polícia e tráfico no edifício, conta com 46 diferentes clubes dirigidos pelos estudantes.

Anísio acreditava que essas associações e clubes escolares eram pontos importantes na formulação da educação integral que se queria criar na escola. Sob a responsabilidade dos próprios alunos, tinha como objetivo desenvolver-lhes a iniciativa, o espírito participativo, a integração e prepará-los para a vida em sociedade.

Esse projeto de escolarização surgiu no final do século XIX na Europa em função das exigências do trabalho na indústria. Era proclamada uma educação que associasse pensamento e prática. Nesse contexto, emergiu o movimento da educação nova – pedagogia ativa, escola nova, escola do trabalho, também conhecida como pedagogia progressista nos EUA (Cambi, 1999) – como crítica à pedagogia tradicional de tipo jesuítico dominante até a metade do século XIX. Seus adeptos denunciaram o ensino enciclopedista, centrado na instrução, e defenderam uma educação centrada na criança, na vida e na atividade, concebendo o aluno como elemento ativo no seu processo de escolarização.

Considerações finais

O modelo de educação defendido por Anísio em seu relatório surgiu como um imperativo sociopolítico e econômico, em razão das transformações ocorridas nos sistemas produtivos, na organização e gestão políticas do mundo ocidental. Esse modelo é aclamado como especializado, referencial e modelar, que atenderia novas demandas provocadas pelas transformações do mundo moderno (Buendía, 2000).

O novo padrão de ver e conceber a escola nascido e consolidado no mundo europeu “adquiriu “características universais”, e se impôs como fator decisivo das regulações culturais e econômicas presentes na cena internacional” (Houssaye, 2007, p. 302). Atravessou fronteiras na criação, expansão e consolidação dos sistemas públicos de ensino, num processo de difusão mundial e de uma *cultura escolar* histórica e socialmente construída (Julia, 2001).

O discurso do relatório de Anísio apresenta uma dicotomia típica do período de transição do século XIX para o século XX – a Educação Tradicional e a Educação Nova. A primeira consistia em métodos e processos sem base científica, racional e organizada, segundo Anísio Teixeira (1998), e a segunda consistia numa base racional, científica, estruturada e voltada aos estudos psicológicos do desenvolvimento infantil.

A ideia de Educação Tradicional e Educação Nova é uma questão presente em todo o relatório de Anísio, pois no momento de sua produção, século XX, havia um intenso debate entre os educadores da chamada Escola Nova, opondo-se à escola que nomearam de Tradicional. Anísio, imbuído dos princípios de renovação pedagógica será um defensor ativo dessa nova escola.

É possível dizer que o relatório produzido por Anísio pode ser caracterizado como uma “prática discursiva produtora de mediações culturais, cujos efeitos aparecem nas estratégias de apropriação de determinadas ideias, conceitos e modelos e na recusa explícita, no silenciamento ou no esquecimento de outros” (Schueler, 2007, p. 107). Assim, o discurso pedagógico veiculado no relatório caracteriza-se pela valorização de um novo paradigma e representação de escola, de professor e de aluno identificados com um modelo educacional considerado

ideal e renovador, que solucionaria os problemas criados pela “velha” educação.

A narrativa construída por Anísio visava constituir um retrato fiel desse modelo educacional que presenciou nas instituições educativas americanas por quatro meses. Entendemos que esse tempo é muito pouco para se conhecer de fato uma realidade educacional, além de as visitas de Anísio às escolas terem sido direcionadas. Possivelmente, o que lhe foi apresentado foram as melhores escolas e modelos educativos; e ainda supomos que as escolas, os professores e alunos certamente foram preparados para receber o visitante ilustre, produzindo toda uma montagem de um modelo ideal de educação.

Além dessas questões, é importante lembrarmos que o discurso de Anísio é, portanto, como qualquer discurso, uma produção humana entrecortada de intenções. Desse modo, nesse discurso operam fragmentos da realidade, imaginação, disfarce, silêncio, esquecimento, lapsos, seleção do que vai ser registrado. E isso não é uma dádiva da maneira de escrever de Anísio Teixeira, mas é algo inerente a qualquer escritor.

Referências

- BUENDÍA, M. 2000. Modelos de escola na história de Moçambique. In: A. NÓVOA; SCHRIEWER, J. (eds.), *A difusão mundial da escola*. Lisboa, Educa, p. 151-155.
- CAMBI, F. 1999. O século XX até os anos 50. “Escolas Novas” e ideologias da educação. In: F. CAMBI, *História da Pedagogia*. São Paulo, Editora UNESP, p. 509-593.
- CATANI, D.B. 2000. Distâncias, vizinhanças, relações. In: A. NÓVOA; SCHRIEWER, J. (eds.), *A difusão mundial da escola*. Lisboa, Educa, p. 143-150.
- CATANI, D.B. 1994. *Ensaio sobre a produção e circulação dos saberes pedagógicos*. São Paulo, SP. Tese de Livre Docência. FEUSP, 167 p.
- CHAUÍ, M. 2005. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo, Cortez, 367 p.
- FERREIRA, A.G. 2009. O sentido da educação comparada: uma compreensão sobre a construção de uma identidade. In: D.B. de SOUZA; S.A. MARTÍNEZ (orgs.), *Educação comparada: rotas de além-mar*. São Paulo, Xamã, p. 137-166.
- HOUSSAYE, J. 2007. Pedagogias: importação-exportação. In: A.C.V. MIGNOT; J. GONDRA (orgs.), *Viagens pedagógicas*. São Paulo, Cortez, p. 294-314.
- JULIA, D. 2001. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, 1(1):9-43.
- KOSSOY, B. 2002. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo, Ateliê Editorial, 149 p.
- LAWN, M. 2000. Os professores e a fabricação de identidades. In: A. NÓVOA; SCHRIEWER, J. (eds.), *A difusão mundial da escola*. Lisboa, Educa, p. 69-84.
- MAGALDI, A.M.B. de M.; NEVES, C.V. 2007. Valores católicos e profissão docente: um estudo sobre representações em torno do magistério e do “ser professora” (1930-1950). *Revista Brasileira de História da Educação*, 15:99-115.
- MENDONÇA, A.W.P.; RAMOS do Ó, J.M.N. 2007. A história da profissão docente no Brasil e em Portugal: aproximações e distanciamentos. *Revista Brasileira de História da Educação*, 15:11-30.
- NAGLE, J. 1976. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo/Rio de Janeiro, EPU/Fundação Nacional de Material Escolar, 400 p.
- NÓVOA, A. 2000. Tempos da escola no espaço Portugal-Brasil-Moçambique: dez digressões sobre um programa de investigação. In: A. NÓVOA; SCHRIEWER, J. (eds.), *A difusão mundial da escola*. Lisboa, Educa, p. 121-142.
- NÓVOA, A. 1999. O passado e o presente dos professores. In: A. NÓVOA (org.), *Profissão professor*. Porto, Porto Editora, p. 13-34.
- NÓVOA, A. 1991. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. *Teoria & Educação*, 4:109-139.
- SANTOS, F.M. 2005. Um Éden germânico: Europa e América nas viagens de Oliveira Lima. *Estudos Históricos*, 35:22-46.
- SCHUELER, A.F.M. de. 2007. A longa peregrinação de um professor da roça na Europa. In: *Viagens pedagógicas*. A.C.V. MIGNOT; J. GONDRA (orgs.), *Viagens pedagógicas*. São Paulo, Cortez, p. 39-64.
- TEIXEIRA, M.C.S. 2000. *Discurso pedagógico, mito e ideologia: O Imaginário de Paulo Freire e Anísio Teixeira*. Rio de Janeiro, Quartet, 96 p.
- TEIXEIRA, A. 1994. *Educação não é privilégio*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 250 p.
- VENANCIO FILHO, F. 1946. Contribuição norte-americana à educação no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, IX(25):229-266.

Fonte primária

- TEIXEIRA, A. 1928. *Aspectos americanos de educação*. Salvador, Tip. De São Francisco, 166 p.

Submetido: 14/09/2012

Aceito: 03/10/2012